

JOVENS DA ALTA SOCIEDADE IRANIANA DRIBLAM O REGIME FUNDAMENTALISTA DOS AIATOLÃS EM BALADAS COM SEXO, DROGAS E ROCK'N'ROLL. STATUS FOI CONFERIR IN LOCO ESTAS FESTAS SECRETAS
 POR CAIO VILELA (TEXTO E FOTOS), DE TEERÃ

1001 NOITES

PROIBI-

SANÇÕES ECONÔMICAS, GUERRA FRIA COM ISRAEL, extremistas religiosos, programa nuclear sob inspeção das Nações Unidas, mulheres cobertas com véu negro e um presidente que adora comprar briga com o resto do mundo. Quem passa os olhos pelo noticiário dificilmente tece uma boa impressão dos iranianos ou cogita visitar a antiga Pérsia. Mas o que pouca gente desconfia é que, debaixo dos rígidos costumes impostos pela república islâmica, existe uma juventude instruída e cabeça aberta, herdeira de uma sofisticada cultura milenar e bastante alheia às desavenças internacionais.

Esclarecidos e bem educados, muitas vezes filhos de iranianos que viveram na Grã-Bretanha, estes jovens das classes média-alta de Teerã, a capital do país, não estão nem aí para as rígidas leis do Islã, não odeiam os Estados Unidos, tampouco Israel. Aliás, não odeiam ninguém. São experts em contravenções (é o único jeito de curtir a vida em uma sociedade marcada por inúmeras proibições), querem se integrar com o resto do mundo e fazem de tudo para imigrar para a Califórnia. Graças a Behrang, meu amigo iraniano, pude escancarar as portas das baladas proibidas de Teerã. Aprendi como organizar uma festinha clandestina em um lugar onde o consumo de bebidas

O USO DO ÓPIO É UM HÁBITO SOCIAL POPULAR ENTRE A JOVEM ELITE DO IRÃ. AQUI, A BELA MARYAM MANDA VER NO CACHIMBO TRADICIONAL



NA PÁGINA AO LADO, FESTINHA RECHEADA DE DESTILADOS CONTRABANDEADOS DA TURQUIA. NO IRÃ O ÁLCOOL É PROIBIDO, ASSIM COMO TATUAGENS. O ROQUEIRO SHARIAR E SEUS COLEGAS DE BANDA, PROIBIDOS DE TOCAR OU GRAVAR SUAS MÚSICAS

Apreendi como **ORGANIZAR UMA festinha clandestina em um lugar onde o consumo de BEBIDAS É BANIDO, o encontro com o sexo oposto é vigiado e traficantes e adúlteros são enforcados**

é banido, o encontro com o sexo oposto é vigiado, os traficantes e adúlteros são condenados à execução pública por enforcamento, e os cabeludos, tatuados, músicos, boêmios e contraventores em geral são extorquidos – quando não chicoteados – pela polícia.

Minha imersão na versão proibida e moderna das 1001 noites começa em uma quinta-feira desta primavera, ao cair da tarde, com uma visita a um estúdio de rock underground, e segue a todo vapor ao final da madrugada, quando me vi na companhia de uma morena bronzeada de 24 anos e suas amigas, um grupo de gatas persas sofisticadas no papo, mas completamente adeptas do estilo “periguete” de se vestir. “Você precisa começar a fumar ópio. Faz bem pra pele, para o cabelo, todo mundo sabe disso na minha terra”, afirma uma morena chamada Maryam, recém-chegada da Tailândia, por onde esteve viajando por dois meses junto com um grupo de amigas de Teerã, entre praias e “full moon parties”.

Maryam é baladeira, isso está claro. Mas não aparenta ser exatamente uma junkie. Muito pelo contrário, é uma das cinco gatas mais saradas circulando nesta festa privada em Tajrish, a área residencial mais nobre da capital iraniana. “Não dê ouvidos a ela. Maryam vem da região de

Kerman, onde bebida alcoólica não existe e o ópio é um produto local popular desde antes de Cristo”, discorda sua amiga Asal. “Ópio é uma droga de velhos. Jovens iranianos não querem saber disso. A droga da vez aqui é uísque, vodca e qualquer outro destilado de alto teor alcóolico”, completa ela, com voz doce e inalterada (coincidência: Asal significa “mel”, em farsi). A discussão segue enquanto o relógio bate quatro horas da manhã. Esta era a terceira balada que frequentávamos naquela noite que parecia, ao menos para aquelas meninas, estar apenas começando.

Música eletrônica em volume suficiente para mover a mulherada na pista. Cabelos soltos, decotes generosos, maquiagens exageradas, acessórios e mini-saias circulam entre cigarros de toda natureza. Enquanto isso, taças abastecidas de destilados promovem flertes e paqueras escancaradas – fica claro que estão todos ali afim de liberdade e, quem sabe, sexo. As garrafas de uísque doze anos circulam com rótulos surrados, evidenciando a odisseia rodoviária por trás do contrabando de bebidas vindas da Europa, através da fronteira com a vizinha Turquia. “Tudo o que é proibido em uma mesma festa!”, brindam as meninas em plena quinta-feira, véspera do dia semanal de descanso nos países islâmicos.

O ambiente fechado com vidros antirruído fica ao lado de um belo jardim, nos fundos de uma mansão desocupada. Apesar da tempera-

tura agradável, os convidados não podem circular ao ar livre. “É para não atrair a atenção de vizinhos ou delatores em potencial”, conta Hamid, o sujeito mais embriagado do recinto. Quem é flagrado violando as leis islâmicas leva uma enquadra da “polícia dos costumes”, o órgão governamental à paisana que parece estar presente em qualquer esquina do Irã. O próprio Hamid me conta que já passou um grande aperto nas mãos dos religiosos.

Certa vez, participando de uma festa onde “rolava de tudo e mais um pouco”, ele viu a polícia invadir a casa. Denunciado pelos vizinhos, o grupo de jovens foi obrigado a interromper a balada para receber a punição designada pra a infração “grave”: **os homens passariam uma noite na delegacia e levariam 74 chibatadas, cada um, para depois voltar para casa, derrotados e revoltados. Graças ao pai influente de uma das garotas, as meninas apenas foram extorquidas – aproximadamente U\$ 500 cada uma – pelos policiais.**

ROCK THE CASBAH

A festa dava sequência à visita que fiz a um músico da cena underground de Teerã. Shariar Shafeye, líder da banda Mine (mina explosiva), é autor de uma série de canções jamais gravadas. O artista também nunca tocou sua música em público por falta de autorização do governo. Em sua casa, o virtuoso do piano e da guitarra solta o verbo contra o sistema repressivo vigente no Irã. “Já apanhei da polícia apenas por estar usando calça de couro justa e cabelo comprido”. O metalero tatuado também relata inúmeras punições a seu visual e estilo de vida, como ter o violão tomado nas ruas e destruído por fanáticos religiosos. “Mas a repressão já foi pior. Na época do Khomeini, logo após a Revolução Islâmica de 1979, era proibido não apenas escutar, tocar ou cantar música, mas também jogar xadrez e gamão!”. Naquele tempo, Farhad, o primeiro e mais famoso roqueiro iraniano, rendeu-se às drogas até morrer



ACIMA, O FESTEIRO HAMID COM SUAS AMIGAS. AQUI, MEU ANFITRIÃO BEHRANG COM SUA COBRA DE ESTIMAÇÃO





HOMENS FUMAM A NARGUILÉ EM UM CAFÉ TRADICIONAL DE TEERÃ E, AO LADO, IMAGEM DO AIATOLÁ KHOMEINI



BAR DE TEERÃ ONDE JOVENS SE REÚNEM PARA FALAR DE POESIA E DO SONHO DE VIAJAR PARA O OCIDENTE. ABAIXO, BANDEIRA DEMONIZANDO OS ESTADOS UNIDOS E JOVENS IRANIANAS CÂRREGADAS NA MAQUIAGEM

desolado. O artista contestador era jovem quando o último Xá da Pérsia, Reza Pahlavi, foi deposto pela Revolução Islâmica liderada pelo Aiatolá Khomeini, que substituiu uma monarquia milenar pela atual teocracia xiita. Durante a revolução, o músico refugiou-se na Europa para depois morrer de hepatite, em 2002, longe de sua terra natal. No estúdio de Shariar, os discos de Farhad estão guardados junto aos vinis do The Who, Allman Brothers e outros favoritos do músico. Artistas ocidentais, claro, formam um acervo “proibidão” no Irã fundamentalista.

Saio do encontro com Shariar e observo o escurecer na caótica Teerã, uma cidade com mais de 12 milhões de habitantes, rodeada pelas montanhas Alborz e seus picos cobertos de neves eternas. O ar poluído e o ruidoso trânsito incentivado pela gasolina barata e a falta de planejamento urbano formam um ambiente inóspito. Minutos depois Behrang estaciona seu Toyota último ano em uma esquina. Um vulto negro parecido com o imperador de “Guerra nas Estrelas” desce a ladeira e entra no carro. Por debaixo do capuz surge uma morena que é a versão persa de Catherine Zeta-Jones. A moça se livra do sobretudo e revela sua verdadeira vestimenta: um vestidinho grudado no corpo com decote generoso. Acomodada no banco de trás, a amiga Maryam veste um pretinho de vinil, mais “periguete” impossível. A realidade destas garotas da classe média-alta de Teerã não condiz com o cotidiano da grande maioria das mulheres iranianas. Cobertas integralmente com seus véus, elas circulam silenciosas e cedem curvadas, moralmente e fisicamente, às imposições religiosas cada vez mais extremadas.

O cotidiano da capital do Irã na “Era Ahmedinejad” revela a triste realidade de um país que caminha a passos largos para o passado. Em pleno século da integração mundial e avanço das comunicações, a inflação galopa com acontecia no Brasil antes do Plano Real. A população sofre com as sanções impostas pela comunidade internacional. Não pode utilizar cartão de crédito de nenhuma bandeira, não consegue vistos para visitar países europeus ou Estados Unidos e não consome nada que não seja produção local, indiana, russa ou chinesa. **A despeito deste “Irã atrasado e oficial”, porém, a juventude ilustrada ama Internet, cinema, poesia, festas, música e bebidas. E sonha em emigrar para um país europeu ou para os Estados Unidos, o declarado inimigo número um do presidente Mahmoud Ahmadinejad.**

“Você precisa começar a fumar ópio. Faz bem para a pele e o cabelo.”

GATAS PERSAS

Não é à toa que a palavra “paraíso” vem do persa “pardés”. Significa “jardim dos prazeres do rei”. A beleza das mulheres iranianas é a prova concreta desta definição. Como a maioria das jovens daqui, as amigas de Behrang usam e abusam de vestidos sensuais dentro de casa. Mas, para sair à rua, cobrem o corpo com o xador – o véu negro – e o manto que esconde as curvas femininas. As mulheres iranianas gostam de demonstrar independência de ideias e desafiar as leis islâmicas usando panos pequenos para cobrir os cabelos. Na balada, o álcool e a narguilé (cachimbo d’água presente em quase todo o Oriente Médio) mantêm os jovens animados até a madrugada. Os assuntos variam, mas o gosto pela poesia é unânime e cada cidadão tem seu poeta favorito. Um dos mais adorados pela juventude, o poeta moderno Ahmad Shamlou, discorre sobre a natureza e

a vida urbana, com mensagens filosóficas e ideológicas subliminares.

Sáimos dali já com o sol alto para um café da manhã no bazar central de Teerã. Romãs, pistache, açafão, tapetes, perfumes, cabras e doces típicos mesclam odores em um passeio pelo ambiente empoeirado do mercado. A extensa malha de vias exclusiva para pedestres, interligadas sobre o plano urbano milenar da cidade é, na verdade, um labirinto jamais desvendado por forasteiros. As opções de compras não são poucas, mas o embargo econômico sofrido pelo país não me deixa usar cartão de crédito em lugar nenhum.

Mesmo sem poder comprar nada, mergulhar nessa exótica atmosfera de sons e cores, repleta de gente recém-chegada de todas as partes da Ásia Central, desperta fascínio e uma vontade de viajar para outras regiões do Irã. Afegãos, cazaques, turcos, paquistaneses e outros comerciantes circulando pelos corredores compõem um universo à parte, com suas próprias mesquitas, banhos públicos e locais de encontro. Ambientes que devem se multiplicar pelo interior do país, revelando um potencial turístico sub-explorado.

Mas é impossível negar que o Irã também tem um lado negro. Cartazes e outdoors anti-Estados Unidos estão espalhados pelas ruas das grandes cidades e representam o pensamento dos religiosos mais radicais que, não por acaso, estão no poder.

Indignados, meus amigos iranianos me perguntam qual a imagem que se tem do Irã. Lamentam que no Ocidente o país seja identificado pelo extremismo político e fanatismo religioso.

Sempre reafirmam que essa nação é a face representativa apenas de uma minoria de velhos líderes religiosos que utilizam tanto de um sistema político corrupto como dos preceitos do Alcorão para permanecer no poder.

Meu amigo Behrang, um arquiteto recém-formado de 37 anos, que coleciona em seu apartamento de 260 metros quadrados animais selvagens, como uma águia e uma cobra píton, diz que o povo persa é vítima de um mal entendido universal a seu respeito. Enquanto dirige em alta velocidade sobre um elevador rumo às montanhas que cercam Teerã, onde terminamos a noite vendo o sol nascer dourado sobre a neve, Behrang me pergunta, praticamente concluindo nossa conversa: “Honestamente, nós parecemos terroristas?”

